



**Revista Comunicação Midiática**  
ISSN: 2236-8000  
v. 15, n. 1, p. 64-76, jan./jun. 2020

---

**A Pesquisa Brasileira em Jornalismo: História e Institucionalização**  
**Investigación Brasileña em Periodismo: Historia e Institucionalización**  
**Brazilian Research in Journalism: History and Institutionalization**

---

**Cristiano Anunção**

Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). [ccristianoanuncao@gmail.com](mailto:ccristianoanuncao@gmail.com)

**RESUMO**

Temos testemunhado, nos últimos anos, um intenso processo de institucionalização da pesquisa em jornalismo no Brasil. Este arranjo foi, quase todo ele, pavimentado nos primeiros anos do século XXI, com a criação da SBPJor, a adoção de linhas e grupos de pesquisa específicos nos PPGCom, o funcionamento de PPGs em jornalismo e a definição das novas diretrizes curriculares para o curso de graduação em jornalismo. O objetivo deste texto é pontuar aspectos históricos e institucionais que circundam a pesquisa acadêmica em jornalismo no país.

**Palavras-chave:** História do jornalismo; Institucionalização acadêmica; Pesquisa em jornalismo.

**RESUMEN**

En los últimos años, hemos sido testigos de un intenso proceso de institucionalización de la investigación periodística en Brasil. Este acuerdo fue casi todo pavimentado en los primeros años del siglo XXI, con la creación de la SBPJor, la adopción de líneas y grupos de investigación específicos en PPGCom, la operación de PPGs de periodismo y la definición de nuevas directrices curriculares para graduarse en periodismo. El propósito de este texto es señalar aspectos históricos e institucionales que rodean la investigación académica en periodismo en el país.

**Palabras clave:** Historia del periodismo; Institucionalización académica; Investigación periodística.

**ABSTRACT**

In recent years, we have witnessed an intense process of institutionalization of the journalism research in Brazil. This arrangement was almost all paved in the early years of the 21th century, with the creation of the SBPJor, the adoption of specific lines and research groups in PPGCom, the operation of PPGs in journalism and the definition of the new curricular guidelines for the for graduation in journalism. The purpose of this text is to point historical and institutional aspects that surround the academic research in journalism in the country.

**Keywords:** History of journalism; Academic institutionalization; Journalism research.

Temos testemunhado, nos últimos anos, um intenso processo de institucionalização da pesquisa em jornalismo no Brasil. Após mais de 70 anos de fundação da primeira faculdade de jornalismo do país, a Cásper Líbero – fundada em 1947 –, notamos uma forte organização da estrutura de pesquisa acadêmica deste subcampo da comunicação. Este arranjo institucional foi, quase todo ele, pavimentado nos primeiros anos do século XXI, com a criação da SBPJor, a adoção de linhas e grupos de pesquisa específicos nos PPGCom, o funcionamento de PPGs em jornalismo e a definição das novas diretrizes curriculares para o curso de graduação em jornalismo.

Este artigo objetiva pontuar aspectos históricos e institucionais que circundam a pesquisa acadêmica em jornalismo no país. Ou melhor, o jornalismo enquanto território produtor de investigação científica, que, nas duas primeiras décadas deste século, ganhou bastante alcance e vigor institucional. Traçaremos, nesse sentido, algumas ações que marcam o que podemos chamar aqui de história acadêmica do jornalismo. O nosso intuito é fazer uma história que se ocupe menos com nomes e datas e mais em assinalar mudanças no modo como, num determinado período, passou a se organizar a pesquisa brasileira em jornalismo.<sup>1</sup>

A partir dos anos 2000, ocorre no país um crescimento considerável no número de programas de pós-graduação em Comunicação e, acompanhando esta demanda, um aumento quantitativo da publicação de livros e artigos científicos especializados em jornalismo.<sup>2</sup> Seguindo este movimento, começam a surgir, com mais ênfase, linhas de pesquisa em jornalismo e, mais precisamente após 2007, os primeiros programas com área de concentração neste ramo de estudos, com a oferta obrigatória da disciplina *Teorias do Jornalismo*, também presente, como optativa, nos PPGCom com linhas de pesquisa em jornalismo.

Os primeiros anos deste século marcam ainda uma preocupação em sistematizar as chamadas teorias do jornalismo, tal como se fez em relação às teorias da comunicação (cf. Defleur; Ball-Rokeach, 1993; Hohlfeldt; Martino; França, 2001; A. Mattelart; M. Mattelart, 1999; Miège, 2000; Wolf, 1987). A Editora da Unisinos lançou, em 2001, *O Estudo do Jornalismo no Século XX*, de Nelson Traquina. Um ano depois, uma parceria entre a Editora Argos e a Letras Contemporâneas editou *Teorias da Notícia e do Jornalismo*, de Jorge Pedro Sousa. A terminologia “teorias do jornalismo” só ganhou protagonismo, no título deste tipo de publicação, em dois volumes da obra de Nelson Traquina: o primeiro, de 2004, com o subtítulo *Porque as Notícias São como São*; e o segundo, de 2005, com a especificação *A Tribo Jornalística: uma Comunidade Interpretativa Transnacional*. Ambos foram encomendados pelo curso de especialização em *Estudos de Jornalismo*, da UFSC, como assinala o então professor da instituição Eduardo Meditsch no prefácio do primeiro volume (cf. *A Contribuição Portuguesa para a Teoria do Jornalismo no Brasil*)<sup>3</sup>. Em 2005, a docente portuguesa Cristina Ponte publica, pela mesma Editora, *Para Entender as Notícias: Linhas de Análise do Discurso Jornalístico*. No mesmo ano, Felipe Pena, da UFF, lança *Teoria do Jornalismo* – nos mesmos moldes do primeiro volume de Traquina –, pela Editora Contexto.

Na contramão dos livros de Jorge Pedro Sousa, Nelson Traquina e Felipe Pena – com uma síntese do que seriam as teorias do jornalismo –, José Marques de Melo publica uma obra com a mesma nomenclatura (*Teoria do Jornalismo*), mas com o subtítulo *Identidades Brasileiras* (2006), com uma antologia que retrata sua experiência na pesquisa nacional.

Também há necessidade de se pensar o desenvolvimento de métodos próprios para investigar os fenômenos jornalísticos. Um passo nessa direção é dado com a publicação, em

2007, da obra *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*, organizado por Cláudia Lago e Marcia Benetti, pela Editora Vozes.

O professor da UFS Carlos Eduardo Franciscato lança, em 2005, *A Fabricação do Presente: como o Jornalismo Reformulou a Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais* pela Editora da Universidade, resultado de sua tese de doutoramento. A professora Sylvia Moretzsohn, hoje aposentada pela UFF, engrossa a bibliografia sobre jornalismo, com a publicação, em 2002, *Jornalismo em Tempo Real: o Fetiche da Velocidade*, e, em 2007, *Pensando contra os Fatos – Jornalismo e Cotidiano: do Senso Comum ao Senso Crítico*, ambos pela Editora Revan, como produto de suas pesquisas de mestrado e doutorado, respectivamente.

As professoras Christa Berger e Beatriz Marocco, da Unisinos, organizam *A Era Glacial do Jornalismo: Teorias Sociais da Imprensa*, uma coletânea de textos sobre a atividade jornalística na Alemanha (volume 1, em 2007) e nos Estados Unidos (volume 2, em 2008). Na virada da década, a Editora Vozes passa a lançar uma coleção denominada *Clássicos da Comunicação Social*, coordenada por Antônio Hohlfeldt, da PUC-RS, com as traduções de *Opinião Pública* (2008), de Walter Lippmann, *A Construção da Notícia* (2009), de Miquel Rodrigo Alsina, *A Teoria da Agenda: a Mídia e a Opinião Pública* (2009), de Maxwell McCombs, e *O Poder Cultural Desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais* (2011), de Otto Groth. Além disso, a Editora Penso edita, em 2011, o livro *Teoria do Gatekeeping: Seleção e Construção da Notícia*, de Pamela Shoemaker e Tim Vos.

Desde 2009, a Série *Jornalismo a Rigor*, da Editora Insular, é responsável por lançamentos e novas edições de livros sobre jornalismo. A Série é coordenada por Eduardo Meditsch e publica obras como *Jornalismo, Fatos e Interesses: Ensaios de Teoria do Jornalismo* (2009), de Wilson Gomes, *A Qualidade da Informação Jornalística: do Conceito à Prática* (2009), de Carina Andrade Benedeti, *A Escola de Jornalismo: a Opinião Pública* (2009), de Joseph Pulitzer, *Jornalismo, Conhecimento e Objetividade: além do Espelho e das Construções* (2009), de Liriam Sponholz, *Masculino, o Gênero do Jornalismo: Modos de Produção das Notícias* (2014), de Márcia Veiga da Silva, e *Origens do Pensamento Acadêmico em Jornalismo: Alemanha, União Soviética e Japão* (2017), de Francisco Rüdiger, bem como reedita os livros *Ideologia e Técnica da Notícia* (2012), de Nilson Lage, e *O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo* (2012), de Adelmo Genro Filho. O texto de Eduardo Meditsch na orelha dos volumes da Série revela o objetivo da coleção:

Se a teoria na prática é outra, então há algo errado na teoria.” Com essa constatação, feita há duas décadas, Adelmo Genro Filho nos desafiou a construir uma autêntica Teoria do Jornalismo. Mas, como na mesma época observou Nilson Lage, essa seria uma tarefa para mais de uma geração. A *Série Jornalismo a Rigor* é uma iniciativa da Editora Insular, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, que vem a se somar a este esforço coletivo que já tem história no campo. Objetiva publicar reflexões acadêmicas de alto nível que contribuam para elevar o senso crítico e a qualidade da prática do Jornalismo como atividade intelectual.

Com vocação multidisciplinar, a *Série* aponta, no entanto, para a construção de uma Teoria do Jornalismo de direito próprio, que responda às questões suscitadas de dentro desta importante prática cultural. Procura assim ajudar na superação com complexo de inferioridade de uma área que se deixou colonizar intelectualmente. Não deixa, com isso, de agregar as contribuições das áreas vizinhas, mas, como propunha Otto Groth, as situa sempre como “ciências auxiliares” da nova disciplina. Busca também enfrentar os muitos preconceitos contra o Jornalismo, gerados em setores acadêmicos e campos sociais outros, e tantas vezes internalizados de forma a-crítica pelas escolas de comunicação (Meditsch).

Outra obra que se preocupa com a etiqueta “teorias do jornalismo” é *Crerios de Noticiabilidade: Problemas Conceituais e Aplicações* (2014), com diversos textos sobre o tema. Organizado por Gislene Silva, Marcos Paulo da Silva e Mario Luiz Fernandes, o livro também é resultado de uma parceria entre a Editora Insular e o PPGJor da UFSC. Outro título notável da Editora Insular é *Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo* (2015), proveniente da tese de doutorado de Felipe Pontes.

Já a *Série Jornalismo em Pauta* (*Coleção Ciências da Comunicação*), projeto criado em 2014 pela Editora Appris, de Curitiba, em conjunto com o curso de Jornalismo da ESPM-RS, coordenada por Adriana Schryver Kurtz e Francisco de Assis, publica, dentre outros livros, *Fronteiras Híbridas do Jornalismo* (2015).

Há ainda a *Série Jornalismo e Sociedade*, uma parceria entre a Editora Insular e a linha de pesquisa homônima do PPGCom da UnB, que começa a publicar, a partir de 2015, obras relacionadas ao jornalismo. Naquele ano, é editado *Mudanças e Permanências do Jornalismo*, com contribuições de pesquisadores da América Latina e de países francófonos (Bélgica, Canadá e França) – fruto do debate realizado no I Colóquio Mejor (Mudanças Estruturais no Jornalismo), em 2011, na UnB –, e, em 2016, *Natureza e Transformação do Jornalismo*, dos pesquisadores canadenses Jean Charron e Jean de Bonville. Antes da coleção, em 2012, os professores Fábio Henrique Pereira, Dione Moura e Zélia Adghirni, da linha de pesquisa, haviam organizado a coletânea *Jornalismo e Sociedade: Teorias e Metodologias*.

Muitas dessas publicações estão vinculadas a linhas de pesquisa em jornalismo dos PPGCom e a programas de pós-graduação em jornalismo.

A primeira linha de pesquisa nesta especialidade, *Jornalismo e Processos Editoriais*, do PPGCom da UFRGS, começa a operar juntamente com o doutorado, em 2000, sendo extinta em 2018. Como optativa e resultante desta linha, o Programa oferece a cadeira *Teoria do Jornalismo*, ministrada por Marcia Benetti.

Também passa a funcionar com a implantação do doutorado, em 2003, a linha *Jornalismo e Sociedade*, do PPGCom da UnB, descontinuada em 2019. No segundo semestre de

2018, a disciplina *Teorias do Jornalismo* é ofertada no Programa pelo professor da referida linha Fábio Henrique Pereira. Ele é o editor brasileiro do periódico internacional *Sur le Journalisme/About Journalism/Sobre Jornalismo*, publicado desde 2012.

No PPGCom da Unisinos, a linha de *Linguagem e Práticas Jornalísticas* existe desde 2007. No ano seguinte, tem início no Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero a linha *Produtos Midiáticos: Jornalismo, Imagem e Entretenimento*. Com a criação do Mestrado em Comunicação da UFPI, em 2012, tem-se a linha *Processos e Práticas em Jornalismo*. A linha de pesquisa mais recente, com foco no jornalismo, é *Jornalismo, Mídias e Cultura*, do mestrado em Comunicação e Sociedade da UFT, de 2016.

A matéria *Teorias do Jornalismo* também é disponibilizada esporadicamente como optativa em alguns PPGCom que não abrigam linhas de pesquisa específicas em jornalismo, como é o caso do PPG da UFBA e dos mestrados em Comunicação da UFMS e da UFS.

No que diz respeito ao desenvolvimento de associações científicas (e da abertura de espaços específicos nas entidades da área de Comunicação), os anos 2000 também assinalam consideráveis presenças institucionais da pesquisa em jornalismo. O FNPJ (atual ABEJ) constitui-se como entidade em 2004 com estatuto próprio e diretoria, como amadurecimento dos encontros anuais realizados dentro da Intercom a partir de 1995. A ABEJ publica desde 2007 sua revista científica, a *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*.

Em coro à ABEJ, como ambiente acadêmico voltado ao debate das questões concernentes ao jornalismo, é fundada em 2003 a SBPJor. O primeiro presidente da entidade é o então docente da UFBA Elias Machado (hoje na UFSC). José Marques de Melo – um dos pesquisadores de maior reconhecimento no campo da comunicação, com várias publicações (entre livros e artigos científicos) sobre jornalismo – recebe os títulos de associado número 1 e associado emérito da SBPJor. Até 2018, a Diretoria da entidade fora ocupada por Carlos Franciscato (UFS), Dione Moura (UnB), Cláudia Lago (USP) e Monica Martinez (Uniso).

A SBPJor começa a publicar em 2005 seu periódico científico internacional *Brazilian Journalism Research*, primeiro editado em inglês e posteriormente, em português/espanhol. As duas edições daquele ano são destinadas a apresentar a pesquisa em jornalismo no Brasil (*Journalism Research in Brazil*), com artigos científicos, no dossiê número 1, de Elias Machado, Marcia Benetti, Eduardo Meditsch (com Mariana Segala) e Luiz Gonzaga Motta; e no número 2, de Sônia Virgínia Moreira e Elizabeth Saad. A segunda edição de 2017 é dedicada às teorias do jornalismo (*Journalism Theories*), com textos, no dossiê, de Barbie Zelizer (EUA), Stephen D. Reese (EUA), Thomas Hanitzsch (Alemanha) e Frank Esser (Alemanha).

Anualmente, a contar de 2006, a SBPJor premia pesquisadores do jornalismo, semelhante ao que a Intercom faz há alguns anos (cf. Prêmio Luiz Beltrão). A premiação é concedida em quatro categorias: iniciação científica, dissertação de mestrado, tese de doutorado e pesquisador sênior (mesclando trajetória acadêmica e contribuições na consolidação da pesquisa neste ramo). Quem empresta seu nome à condecoração é o principal proponente da teoria do jornalismo: Adelmo Genro Filho (PAGF).

Ainda sobre a expansão da pesquisa em jornalismo em espaços institucionais, citamos o GT de Jornalismo da Intercom, que se deu até 2008. No ano seguinte, há uma nova disposição na estrutura dos GTs. Assim como ocorre outros grupos de trabalho, o de Jornalismo é ampliado e ganha cinco subdivisões: Teoria do Jornalismo; Gêneros Jornalísticos; História do Jornalismo; Jornalismo Impresso; e Telejornalismo. A ramificação Teoria do Jor-

nalismo tem como seu primeiro coordenador Felipe Pena. Essa ampliação se dá, provavelmente, pelo protagonismo que o jornalismo passa a ter nos PPGCom, com a criação de linhas de pesquisa nesta temática. Vale destacar que neste momento já havia sido fundado o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na UFSC (que abordaremos mais adiante).

No congresso da Compós, o GT de Estudos de Jornalismo começa a funcionar em 2000. O *Livro da Compós*, que veicula temas relacionados à comunicação, tem sua edição de 2011 destinada ao jornalismo. Com o título *Jornalismo Contemporâneo: Figurações, Impasses e Perspectivas*, a publicação foi organizada por Gislene Silva, Dimas Künsch, Christa Berger e Afonso Albuquerque.

Convém situar aqui que os artigos científicos inscritos na rubrica “teorias do jornalismo” começam a aparecer efetivamente nos congressos de comunicação a partir de 2000. Numa breve análise quantitativa, ao tomar como parâmetro a indicação à marca “teoria do jornalismo” e/ou “teorias do jornalismo” no título, no resumo ou nas palavras-chave dos artigos publicados nos anais da SBPJOR e dos GTs de jornalismo da Intercom e da Compós, verificamos uma trajetória ascendente nos textos dentro deste escopo. Até fins do século passado, não era comum ver trabalhos sobre o tema nos eventos da área. Uma exceção é um artigo no encontro da Intercom em 1994, cujo título remete ao tema: *A Imprensa Sindical dos anos 60 – Produção sem Teoria Jornalística*, de Alcina Maria Cardoso.

Nas dez primeiras edições da SBPJOR (2003-2012), são submetidos 48 trabalhos sob a etiqueta “teorias do jornalismo”: dois em 2003; um em 2004; quatro em 2005; cinco em 2006; três em 2007; onze em 2008; três em 2009; seis em 2010; oito em 2011; e cinco em 2012. No GT de Jornalismo da Intercom, que vigora desde 1993, é José Marques de Melo quem dá a partida, em 2000, na submissão de artigos nesta seara, com o texto *A Natureza do Jornalismo e a Missão do Jornalista Segundo Costa Rego*. Entre 2001 e 2008, são submetidos 19 artigos dentro deste escopo: em 2001 e 2003, um em cada; três em 2005; um em 2006; sete em 2007; e seis em 2008. No GT Estudos de Jornalismo da Compós, notamos artigos nesta linha já no primeiro ano de funcionamento do grupo em 2000, como *Ensaio sobre o Jornalismo: um Contraponto ao Ceticismo em Relação à Tese da Mediação Jornalística*, de Josenildo Guerra, e *Os Atos Verbaís Jornalísticos: um Estudo dos ‘Fazeres’ Jornalísticos por Editoriais de Política*, de Lia Seixas. Mas nenhum dos textos, no primeiro ano do GT, apresentava em seu corpo os componentes “resumo” e “palavras-chave”, que empregamos como parâmetro para fazer esta rápida análise quantitativa. Assim, com base na nossa abordagem, observamos oito trabalhos em teorias do jornalismo concentrados na segunda metade da década: três em 2006; em 2007, 2008 e 2009, um em cada; e dois em 2010.

Ainda em relação aos dados apresentados acima, a partir do cruzamento deles (das três entidades), vale sublinhar a relação entre o crescimento no número de artigos científicos sobre teorias do jornalismo entre 2000 e 2010 e a constituição de ambientes institucionais que tendem a estimular sua produção, como linhas de pesquisa que priorizam o jornalismo, nos PPGCom, criadas naquele período (UFRGS, UnB, Unisinos e Cásper Líbero) e o próprio Mestrado em Jornalismo da UFSC, que passou a funcionar em 2007. Um exemplo disso é a avaliação feita por Marcia Benetti, coordenadora do GT de Estudos de Jornalismo da Compós no biênio 2005-2006, sobre o impacto da ausência de linhas de pesquisa em jornalismo nos PPGs (quando se pleiteava a criação do Mestrado em Jornalismo da UFSC) no desenvolvimento de pesquisa nesta temática.

A ausência de linhas específicas de Jornalismo nos demais programas não tem limitado nem a pesquisa dos orientadores nem o acesso de estudantes que tenham o Jornalismo como objeto de pesquisa. Porém, em virtude do instrumento de avaliação da Capes, que analisa, entre outros itens, o vínculo entre linhas e projetos de pesquisa, há sempre um esforço de adaptação das temáticas ou abordagens dos projetos em relação às ementas das linhas de pesquisa sempre mais abrangentes do que o já extenso campo do Jornalismo. Ao mesmo tempo em que assegura a inserção destes projetos na área de Comunicação, fortalecendo-a em sua diversidade, essa estratégia pode estar prejudicando o desenvolvimento de um *grande eixo de pesquisa, com objetos e teorias próprios, como é o caso do Jornalismo* (Machado, 2004 apud Frighetto, 2016, p. 199, grifo nosso)<sup>4</sup>.

O primeiro mestrado acadêmico do Brasil com o jornalismo como área de concentração começa a operar na UFSC, em agosto de 2007, como continuidade do trabalho do grupo de docentes da instituição que busca esta especialidade. Anteriormente, em 2001, havia sido criado o curso de especialização em Estudos de Jornalismo, que funcionou até 2006. Segundo Meditsch, Ayres e Betti (2017, p. 77), a pós-graduação na modalidade *lato sensu* serviu como uma espécie de tubo de ensaio para a implantação do Mestrado em Jornalismo, “permitindo a experimentação de estratégias de ensino e pesquisa a nível de pós-graduação, além de uma fonte adicional de recursos para a sua instalação, possibilitando um melhor equipamento da biblioteca e da hemeroteca e o apoio às atividades de pesquisa dos docentes”, já que era cobrada uma mensalidade. O Mestrado, inicialmente batizado de PosJor (hoje PPGJor), abrangia duas linhas de pesquisa: *Fundamentos do Jornalismo* (linha 1) e *Processos e Produtos Jornalísticos* (linha 2). Em 2013, tendo em vista a proposta para a criação do doutorado (após o Programa passar da nota 3 para a 4 na primeira avaliação trienal da Capes, em 2010), essas linhas são reconfiguradas e ganham uma nomenclatura mais ampla: *Jornalismo, Cultura e Sociedade* (linha 1) e *Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo* (linha 2).

A área de concentração em *Jornalismo* do PPGJor, na página do Programa na internet, apoia-se, do ponto de vista internacional, na tese de doutoramento do filósofo alemão Tobias Peucer sobre jornalismo em fins do século XVII, na abertura dos primeiros cursos universitários na Europa (no século XIX) e nos Estados Unidos (no século XX) e na primeira revista acadêmica dedicada ao tema nos Estados Unidos na década de 1920, e no âmbito nacional, no que considera objeto da tradição de um século de pesquisa.



Hoje em dia, os Estudos em Jornalismo situam-se internacionalmente na área das Ciências da Comunicação, adotando uma *abordagem multidisciplinar* para produzir conhecimento teórico, empírico e aplicado sobre a especificidade dos fenômenos jornalísticos na sociedade e na cultura contemporâneas. *O estudo científico do jornalismo data do final do século XVII*, com a defesa da primeira tese na Universidade de Leipzig, na Alemanha, em 1690, por Tobias Peucer; os primeiros cursos universitários de jornalismo surgiram a partir dos séculos XIX na Europa e XX nos Estados Unidos; a primeira revista acadêmica, Journalism Bulletin, foi fundada em 1924 nos Estados Unidos.

No Brasil, a pesquisa em jornalismo conta com uma *tradição de cem anos*, em um primeiro momento feita por pesquisadores isolados e, desde os anos 1960, em cursos de pós-graduação. A área de concentração em Jornalismo, ao mesmo tempo em que *delimita o objeto de especialidade* da produção de conhecimento e da formação de pesquisadores pelo programa, em *coerência* com o histórico da instituição, as trajetórias e a produção científica do corpo docente, representa uma *diversificação* do Sistema Nacional de Pós-Graduação, capaz de propiciar *interlocução aos demais programas da área de Comunicação* numa sub-área em que quase todos atuam, mas ainda não poucas as linhas de pesquisa específicas (PPGJOR, online, grifo do autor)<sup>5</sup>.

O PPGJor oferta como disciplinas obrigatórias *Teoria do Jornalismo*, ministrada na primeira década de atividade do curso por Eduardo Meditsch (e também por Francisco Karam e Gislene Silva, em algumas ocasiões) e depois de 2017 por Jacques Mick (que integra o quadro docente do Programa naquele ano), e *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*, lecionada inicialmente por Elias Machado e, depois de 2010, por Gislene Silva.

O PPGJor publica semestralmente desde 2004, quando funcionava a especialização em Estudos de Jornalismo, a revista científica *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Em seus primeiros cinco anos, o periódico dedica duas edições para a teorização do jornalismo: uma com a temática *Jornalismo e Conhecimento* (2005), com artigos de Teun van Dijk, Orlando Tambosi, Francisco Karam, Alfredo Vizeu e Gislene Silva, e outra intitulada *Teoria: Rumos, Tensões e Desafios* (2009), com textos de Gislene Silva e Jorge Pedro Sousa. Além disso, resgata três textos de Adelmo Genro Filho publicados nos anos 1970 em jornais do Rio Grande do Sul, em que o autor já chamava atenção para as particularidades do jornalismo: *Questões sobre Jornalismo e Ideologia* (2004); *Sobre a Necessidade de uma Teoria do Jornalismo* (2004); e *O Jornalismo e a Crise da Objetividade Burguesa* (2005). O texto de apresentação da edição *Teoria: Rumos, Tensões e Desafios*, assinado pelo então editor da revista, Rogério Christofolletti, abre com a seguinte afirmação:

Uma das primeiras preocupações de um campo de conhecimento que objetiva se consolidar é delimitar suas bases teóricas. Essas raízes não apenas sinalizam uma tradição na produção de saberes, mas também dão sustentação aos frutos que surgirão nas próximas gerações. Neste sentido, o Jornalismo também se ocupa de definir conceitos, teorias e modelos que ajudem a visualizar os limites que o fazem um *campo autônomo de conhecimento* (Christofolletti, 2009, s/p, grifo nosso).

O projeto do PosJor começa a ser concebido em 2000, ano em que o curso de graduação mudou para Jornalismo (sem a nomenclatura Comunicação Social na frente), com o

grupo de pesquisa em estudos de jornalismo cadastrado no CNPq, sob a coordenação dos professores do Departamento de Jornalismo da UFSC Eduardo Meditsch e Nilson Lage (Meditsch; Ayres; Betti, 2017). No ano seguinte, relatam os pesquisadores, cogita-se a criação de um mestrado profissional em jornalismo, mas a proposta é abortada devido à resistência dentro do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, onde se encontra o Departamento de Jornalismo. Em 2006, o projeto do mestrado acadêmico em jornalismo é encaminhado à Capes, mas tem parecer rejeitado pelo Conselho Técnico Científico da entidade, fazendo com que o grupo da UFSC elabore um recurso, que, a partir de uma nova avaliação, aprova a criação do curso no início de 2007 (Meditsch; Ayres; Betti, 2017).

Até aquele momento, a Área de Comunicação resistia em aceitar um mestrado especializado numa sub-área do campo, ainda mais sendo a de Jornalismo, considerada “separatista” pela visão então dominante. Todos os programas existentes no país eram de “Comunicação” ou “Ciências da Comunicação” desde a reforma do Programa da USP, que extinguiu e incorporou o Programa de Jornalismo que lá estava em desenvolvimento no final dos anos 90. A Comunicação buscava sua legitimação como disciplina acadêmica, e a reivindicação do Jornalismo pelo reconhecimento de uma teoria própria era vista como ameaça àquela expectativa hegemônica na pós-graduação da área (Meditsch; Ayres; Betti, 2017, p. 77, grifo nosso).

É possível dizer que a implantação do Mestrado em Jornalismo da UFSC justificou-se no trabalho de Adelmo Genro Filho, que requereu em diversos textos a especificidade do jornalismo com uma teoria própria, profundamente expressa na obra *O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo*. O livro “constou como bibliografia obrigatória para as seleções de acesso ao mestrado que tiveram prova escrita, além de estar presente na disciplina Teoria do Jornalismo” (Pontes, 2015, p. 267). O pesquisador acrescenta que a obra também aparece como bibliografia de outras disciplinas do PPGJor e em 23 dissertações defendidas até 2014.<sup>6</sup>

O segundo mestrado do país tendo o jornalismo como área de concentração é da UEPG, de 2013. Com área de concentração denominada *Processos Jornalísticos*, o curso reúne duas linhas de pesquisa: *Processos de Produção Jornalística* (linha 1) e *Processos Jornalísticos e Práticas Sociais* (linha 2). A grade antiga (que funcionou até 2017) ofertava como matérias obrigatórias *Teorias do Jornalismo*, *Metodologias de Pesquisa em Jornalismo*, *Mídia e Formação da Opinião Pública*, *Jornalismo e Agendamento Temático* e *Seminário Metodológico*. Desde 2018, houve uma alteração nos créditos obrigatórios: *Teorias do Jornalismo* e *Metodologias de Pesquisa em Jornalismo* permaneceram, mas as anteriores foram extintas e deram lugar a *Jornalismo e Convergência Tecnológica e Jornalismo, Democracia e Poder*. Existem duas publicações acadêmicas vinculadas ao PPG: o periódico *Pauta Geral – Estudos em Jornalismo*<sup>7</sup>, com edições semestrais desde 2014, e a *Revista Internacional de Folkcomunicação*, com edições também semestrais, iniciadas em 2003.

Os outros três mestrados em jornalismo em funcionamento têm caráter profissional. Ao contrário do mestrado acadêmico, a modalidade profissional objetiva, por meio do estudo de técnicas e/ou processos, atender demandas do mercado de trabalho. Conforme Fischer (2005), trata-se de uma ocorrência relativamente recente na pós-graduação brasileira, cujos primeiros cursos foram implementados em meados dos anos 1990. Ainda de acordo com a autora, a ideia de capacitação profissional na pós-graduação está expressa no parecer nº

977/65 do então CFE, embora tenha sido regulamentado em 1995. No entanto, a modalidade acadêmica tornou-se predominante devido à necessidade de qualificação docente para o ensino e a pesquisa no país.

O mestrado da UFPB é ofertado na área de concentração em *Produção Jornalística* e teve início no mesmo ano do curso da UEPG, em 2013. Há apenas uma linha de pesquisa: *Processos, Práticas e Produtos*. O Programa tem apenas uma cadeira obrigatória: *Teorias do Jornalismo*. O curso publica, desde 2014, a revista acadêmica *Âncora*.

Entre 2015 e 2019, funcionou o Mestrado da Fiam-Faam, com área de concentração em *Práticas Jornalísticas* e duas linhas de pesquisa: *Linguagens Jornalísticas e Tecnologias* (linha 1) e *Jornalismo e Mercado de Trabalho* (linha 2). A revista acadêmica *Parágrafo*, editada desde 2013 e, posteriormente, vinculada ao Programa, divulgou em sua última edição de 2018 que não seria mais publicada.

Outro periódico de artigos científicos que deixou de circular (de 2014 a 2017) é *Leituras do Jornalismo*, do curso da UNESP.

O mestrado mais recente com o jornalismo como especialidade é o da ESPM, com área de concentração em *Produção Jornalística e Mercado*, cujas atividades têm início em 2016. Há duas linhas de pesquisa: *Lógicas e Modelos de Gestão em Jornalismo* (linha 1) e *Produção de Conteúdo* (linha 2). Tem como matérias obrigatórias *Teorias do Jornalismo: Estudos e Reflexões, Métodos e Técnicas de Pesquisa Aplicados ao Jornalismo* e *Ética, Jornalismo e Sociedade*. O Programa não edita revista acadêmica.

Chama atenção a proximidade temporal entre as ações institucionais, que se tornaram mais intensas a partir deste século. A marcação no tempo fica mais evidente, quando elencamos os anos em que foram instituídas: curso de especialização em Estudos de Jornalismo, do Departamento de Jornalismo da UFSC, entre 2001 e 2006; SBPJor em 2003; revista *Estudos em Jornalismo e Mídia* em 2004; revista *Brazilian Journalism Research* em 2005; curso de Mestrado em Jornalismo da UFSC e *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo* em 2007; ampliação do GT de Jornalismo da Intercom, abrangendo a subdivisão Teoria do Jornalismo, em 2009; cursos de Mestrado em Jornalismo da UFPB e da UEPG e novas diretrizes curriculares para os cursos de jornalismo em 2013; curso de Doutorado em Jornalismo da UFSC e revistas *Âncora*, da UFPB, e *Pauta Geral*, da UEPG, em 2014; e Mestrado em Jornalismo da Fiam-Faam em 2015. Citamos ainda os livros com a nomenclatura “teorias do jornalismo” lançados entre 2002 e 2005 por Jorge Pedro Sousa, Nelson Traquina (publicou dois volumes) e Felipe Pena.

O próprio Eduardo Meditsch, um dos principais agentes da luta pelo reconhecimento acadêmico do jornalismo, expõe essas estratégias em diversos textos, seja ao falar da encomenda dos dois livros de teorias do jornalismo (publicados em 2004 e 2005) para Nelson Traquina pelo curso de especialização em Estudos de Jornalismo da UFSC ou, mesmo, por dizer que o curso de pós-graduação na modalidade *lato sensu* entre 2001 e 2006 foi um “tubo de ensaio” para a implantação do Mestrado acadêmico em Jornalismo na instituição, em 2007, bem como no trabalho como coordenador desde 2009 da Série *Jornalismo a Rigor*, da Editora Insular, que visa editar obras que privilegiem o jornalismo, e ao compor o grupo de especialistas que elaborou as novas diretrizes curriculares para os cursos de jornalismo, aprovadas pelo MEC em 2013.

Cabe destacar aqui que a pesquisa em jornalismo repete o caminho já percorrido pelo campo da comunicação, do qual faz parte, como uma forma de legitimar seu fazer científico

e na busca de autonomia em relação à Comunicação (com graduação fora do modelo habilitacional, além da criação de associações, linhas e grupos de pesquisa e PPGs específicos). O curso de Jornalismo da UFSC figura como epicentro deste arranjo institucional, afinal é deste lugar que partem diversas ações no sentido de engendrar novos espaços. O nome e a obra (*O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo*) de Adelmo Genro Filho mostram-se fundamentais neste processo.

Estas ações – conscientes ou não, interligadas ou não – expressam o avanço e a força institucional da pesquisa em jornalismo no Brasil, bem como justificam, de certo modo, o numeroso acúmulo de sua produção acadêmica. É preciso agora indagar se este robusto quadro institucional se reflete no âmbito do conteúdo científico. Ou seja, na análise da produção de conceitos, teorias e métodos desta especialidade.

Recebido em: 10/07/2020

Aceito em: 29/07/2020

---

1 Certamente, algumas ocorrências poderão ficar de fora, mas isso não inviabiliza a tarefa.

2 Conforme dados da Capes, até 2018, havia 54 programas na área de Comunicação (incluindo mestrado e doutorado acadêmico, além da modalidade mestrado profissional).

3 Na abertura do texto, Meditsch cita o trabalho de Adelmo Genro Filho, ex-professor da UFSC e autor de *O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo* (publicado originalmente em 1987). Também salienta o pensamento de Genro Filho na apresentação da Série *Jornalismo a Rigor* (cf. citação recuada mais abaixo).

4 Machado é o outro sobrenome de citação bibliográfica de Marcia Benetti. A avaliação da pesquisadora é de 2004, como registra Frighetto (2016), embora ela tenha sido coordenadora do GT de Estudos de Jornalismo da Compós nos anos de 2005 e 2006.

5 Disponível em: <<http://ppgjor.posgrad.ufsc.br/area-de-concentracao/>>. Acessado em: 2 de setembro de 2019.

6 Até aquele ano, haviam sido defendidas 66 dissertações no PPGJor, segundo o site do Programa. No entanto, é provável que Pontes não tenha contabilizado todos os trabalhos defendidos em 2014. Deste modo, pode ser maior o número de dissertações que citam *O segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo*.

7 O nome da revista remete ao projeto *Pauta Geral: Estudos em Jornalismo*, publicada em versão impressa entre 1993 e 1995, com edição de Elias Machado e Sérgio Luiz Gadini. A publicação retornou de 2002 a 2007, sendo editada por Elias Machado e Tattiana Teixeira.

## Referências

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Apresentação (Teoria: rumos, tensões e desafios). **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 2, 2009.

DEFLEUR, Melvin; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FISCHER, Tânia. Mestrado profissional como prática acadêmica. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 24-29, 2005.

FRIGHETTO, Maurício. **Uma escola de jornalismo: o poder e o saber na história do projeto pedagógico do curso da UFSC**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz Claudio; FRANÇA, Vera (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MEDITSCH, Eduardo; AYRES, Melina; BETTI, Juliana. Dez anos do Pós-Jor UFSC: relato do percurso e perfil da produção. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 14, n. 2, p. 75-88, 2017.

MIÈGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PONTES, Felipe. **Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo no Brasil: uma análise crítica**. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.